



## **EDITORIAL**

Juliana B. Cavalcanti

Daniel Brasil Justi

Renata Rozental

Partindo do provocativo título da obra de Paul Veyne *Os gregos acreditavam em seus mitos?* (2014 (1983)), o dossiê “Religião, Mito e Magia: Olhares sobre as religiosidades Mediterrânicas e do Extremo Oriente” se propôs a convocar a parcela da comunidade acadêmica hoje voltada para os estudos de História da Religião para proporcionar textos que promovam um breve balanço teórico e metodológico de três conceitos chaves para qualquer pesquisador que se insira nessa temática: mito, magia e religião.

Por balanço, pensamos, em primeiro lugar, sobre os olhares projetados ao se falar no estudo da Grécia, Egito, China, Índia ou mesmo Roma Antiga em que, de um modo geral, (leia-se: o senso comum e mesmo materiais didáticos) se entendem esses espaços como o lugar muito mais proliferado de “crendices”, “magias” ou “falsos deuses”.

Num segundo, colocamos o corte feito no mundo ocidental com o advento do Iluminismo, em que mediante a forte e crescente especialização das Ciências e Tecnologias leva a cientistas se sentirem aptos a construir suas próprias teorias sobre vida e religião. O que implicava paulatinamente numa virada teórica no Ocidente. Se antes as bases da vida eram advindas do discurso teológico, com a virada iluminista o crivo ocidental se torna a razão. Mais detidamente, ao longo de todo o século XIX e primeira metade do século XX em que munidos dessas premissas passam a separar a esfera da mística em três elementos: mito, magia e religião, sendo os mesmos ordenados numa perspectiva evolucionista.

Essas categorias e a formas de ordená-las muito embora sejam difíceis de serem percebidas na Documentação são filtros de leitura ainda hoje empregados não apenas para ler o passado, mas também o tempo presente. Pensando nisso, uma historiografia instaurada a partir de finais da década de 60 do século passado

vem tentando repensar a esfera religiosa por outras percepções que não aquela apresentada há pouco. Entre os autores estão Trevor-Roper com *Magic, religion and reason* (1967), Carlo Ginzburg em *Andarilhos do bem* (1966), Clifford Geertz em A interpretação das culturas (1973) e o próprio Paul Veyne com a obra aqui já indicada.

Exposto isso, cabe-nos agora sublinhar e todos os artigos aprovados seguem esse fio condutor e foram organizados como estão dispostos resumidamente abaixo de forma que se possamos iluminar a questão central do dossiê a partir de diferentes espaços, documentações e metodologias de análise. Os artigos foram:

1) Jean Felipe de Assis em "Economic Subsistence and Rhetorical Power in the Corinthian treatises: Social Status Shaping Theological Parties and Practices in the Reception of Pauline Traditions", apresentando a tensões internas da comunidade coríntia advinda de percepções distintas sobre o falar de Jesus.

2) O texto "Entre a Religião e a Magia: (re)pensando o estudo do Egito Antigo" de Thiago Henrique Pereira Ribeiro trabalha mais claramente os três conceitos chaves do dossiê a partir do Egito Antigo, entendo como a historiografia oito e novecentista construiu um olhar distorcido das fontes.

3) André Leonardo Chevitarese e Felinto Pessôa de Faria, neto tem como diferencial o uso de moedas para pensar a religião como um discurso também de dominação em "Moedas *Judaea Capta*: narrativas de uma dominação".

4) André Bueno com seu texto "O evangelho chinês de Jesus" nos reporta a um outro espaço antigo por vezes esquecidos dos Estudos Antigo: a China. Apresentando como se processo a construção da identidade cristã em meio a sociedade tradicional chinesa.

5) "A África adormecida na Bíblia: entre a maldição e a escravidão" é um artigo de Alexandre Valdemar da Rosa e Cledemilson dos Santos que num olhar apressado pode entender como um material não vinculado ao dossiê, mas com uma leitura mais tranquila se percebe rapidamente que os meios crivos que dividem e dão um peso mais ou menos evoluído para mito, magia e religião são os mesmos dados para a condição marginal da África na literatura oitocentista, que qualifica o continente africano como o lugar da magia, por isso menos evoluído. Rosa e Santos brilhantemente desconstroem essa leitura fazendo profundas críticas a leituras engessadas e harmonizadas de passos distintos de livros produzidos em épocas completamente diferentes do corpus neo e veterotestamentário.

6) Estela de Melo Faria em "A perpetuação da divindade de Alexandre, o grande através dos textos" buscou mostrar como a campanha propagandística de Alexandre, o Grande ganhou força e atravessou gerações que o sucederam.

7) Daniel Soares Veiga trabalha as relações culturais e imperialistas romanas como um elemento chave para o desenvolvimento do messianismo de Jesus em “Marcados com o selo: a menção ao Filho do Homem em Jo 6:27 como um discurso de propaganda antiimperial da parte de Jesus”.

8) Willibaldo Ruppenthal Neto com o texto “O brilho de Moisés, Adão e Jesus: Éxodo 34.29-30 e uma tradição judaica” problematiza a interpretação de 2Cor 3:6, 4:6 sobre o passo de Éxodo (34:39-30) de forma a apontar como a figura de Moisés foi um papel importante em diferentes momentos na tradição judaica, inclusive no Cristianismo.

No mais, desejamos a tod@s uma boa leitura!

Rio de Janeiro, 25 de Maio de 2017.